

A verdadeira liberdade para Nietzsche em *Humano, Demasiado Humano I E II*

URUBATÃ ALLAN DOS SANTOS¹

1 Introdução

Os livros de autoria de Nietzsche são acusados de obras para incautos, verdadeiras obras de inversão de valores, e o próprio autor conclui ser um velho imoral e apanhador de pássaros, e dedica sua nova obra aos espíritos livres. Espíritos livre inventados por ele, no desejo de ter alguém para conversar. Credo que um dia os jovens ainda que apaixonados por sua terra se vejam inflamados por aventura e pelo novo, se tornem os espíritos livres. Pois apesar de tantas repressões e desprendimentos.

O homem de espírito livre tem o perigoso privilégio de poder viver por experiência e oferecer-se à aventura, e o mesmo diante disso tem uma sensação de liberdade tal como um pássaro. E assim esse homem livre vive, não mais nos grilhões de amor e ódio, sem Sim, sem Não, voluntariamente próximo, voluntariamente longe, de preferência escapando, evitando, esvoaçando, outra vez além, novamente para o alto esse homem é exigente.

Agora livre esse homem vê com satisfação Como foi bom não ter ficado "em casa", "sob seu teto", como um delicado e embotado inútil! Ele estava fora de si: não há dúvida. Somente agora vê a si mesmo, um homem de espírito livre, ele assim consegue manifestar sua liberdade, sim livre até mesmo de doenças, ou seja, o câncer dos velhos idealistas e heróis da mentira.

E assim ao se isolar e no deserto da experiência, alcance o conhecimento e amadurece a liberdade do espírito, que é o autodomínio e a disciplina do coração que lhes permite o acesso a pensamentos tão amplos que lhe refine o interior que maneira que se apaixone pelo caminho que ele mesmo se propôs. Pois o espírito livre precisa por si apreender a injustiça como indissociável da vida e a própria vida como condicionada pela perspectiva e sua injustiça, e também deve,

¹ Acadêmico do Curso de Filosofia da UNIOESTE. E-mail: urubata.santos@unioeste.br

sobretudo, ver com seus olhos onde a injustiça é maior: onde lhe obrigam a obedecer à hierarquia.

O homem de espírito livre chega a uma conclusão a se pôr a pensar e generalizar sobre os acontecimentos: tal como uma gravidez que toma corpo é quer vir ao mundo assim acontece, o que tem que acontecer. Uma vez que nosso destino dispõe de nós, mesmo quando ainda não o conhecemos; é o futuro que dita as regras do nosso hoje.

Será experimentando os mais variados e contraditórios estados, seja de indigência, seja de felicidade no corpo e na alma o ser humano como aventureiro, e isso quase sem temor, nada desprezando, nada perdendo, tudo saboreando, tudo limpando e como que peneirando do que seja acaso, até que enfim pudemos dizer, nós, espíritos livres.

Este livro, porém, foi refutado, negligenciado e menos ouvido, pois dizem: que ele exige muito ao se dirigir a pessoas que não vivem atormentadas e a necessidade de supérfluo.

330

2 Liberdade para Nietzsche em Humano, Demasiado Humano

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche conceitua, espírito livre, como liberdade, ou seja, o que de fato faz do homem um ser liberto ou como pode o homem fazer para ser livre, ter um espírito livre. Diante dessa proposta investigativa iremos de forma bibliográfica buscar entender qual o conceito de liberdade nos livros Humano, demasiado humano de Friedrich Nietzsche.

Ao buscarmos a conceituação de liberdade para Nietzsche em Humano demasiado humano é preciso não misturarmos outras concepções filosóficas, uma vez que para Nietzsche a liberdade não se resume ao livre-arbítrio, pois o sujeito livre não é o dotado pura e simplesmente do livre-arbítrio. O homem livre está livre também da moral vigente e é dentro dessa lógica que o mesmo está liberto, pois o sujeito livre para Nietzsche não é responsável nem pelo ser, e nem pelos motivos que o levam a agir de tal forma e tampouco por algum efeito de suas atitudes, uma vez que para o filósofo tudo é necessário.

Nietzsche na verdade propõe que sentimentos tais como ódio, inveja e ânsia de domínio acabam por condicionar a própria vida, pois o homem não é o responsável e sim elemento de seu passado e do seu próprio presente, é algo do devir e não da biologia ou um espírito eterno. O que está em jogo não é sinônimo de biologia, mas um conjunto de impulsos e forças que se for bem hierarquizado, torna-se algo saudável, mas se for algo desordenado torna o corpo mórbido. Enfim o homem está inserido no mundo e tudo o que faz tem relação com o todo em que ele vive. (FREZZATTI, 2004)

Nietzsche já no início do livro *Humano Demasiado Humano*, se coloca contra a metafísica e também contra a filosofia histórica, buscando aproximar o seu conceito de espírito livre com a filosofia da ciência. E assim fazer suas críticas por aquilo em que ele crê que eram erradas, ou seja, a moral, a religião e a própria arte romântica, e para contrapor ele propõe um método mais rigoroso com conhecimento. E assim o filósofo se opõe às explicações mitológicas ou milagrosas, que para ele são puras crendices e também uma cultura mentirosa e absurda. É puro erro de raciocínio.

331

Em sua concepção Nietzsche acredita que não exista verdades absolutas, conforme sempre a filosofia metafísica e tradicional tentou impor. Ou seja, as filosofias e metafísicas e a tradicional erraram na sua pretensão de uma verdade absoluta e fixa, que nega o devir e assim se tornaram algo até nocivo e prejudiciais. Uma vez que para Nietzsche:

[...] cada hábito supersticioso, surgido a partir de um acaso erroneamente interpretado, determina uma tradição que é moral seguir; afastar-se dela é perigoso, ainda mais nocivo para a comunidade que para o indivíduo (pois a divindade pune a comunidade pelo sacrilégio e por toda violação de suas prerrogativas, e apenas ao fazê-lo pune também o indivíduo). (NIETZSCHE. 2006. P. 84).

Conforme bem observa o professor Wilson Frezzatti:

O enfraquecimento dos instintos na perspectiva moral e religiosa. É um melhoramento: o homem bom é melhor do que o bárbaro. Essa postura é o que Nietzsche chama de ‘pia fraus’ (mentira piedosa) presente em todos os filósofos e sacerdotes que ‘melhoraram’ (verbesserten) a humanidade: [...]. A pia fraus, juntamente com a sublimação, são inversões provocadas pelos

legisladores morais: o melhor é aquele que possui os instintos enfraquecidos; o pior, aquele com os instintos intactos; o espiritual, aquilo que mascara o fisiológico. (FREZZATTI, 2021. P. 79).

E para Nietzsche a única forma ou maneira do homem deixar de ser este animal domesticado e doente é preciso que ele volte as suas raízes de um animal de rapina, ou conforme o filósofo propõe, as suas raízes aristocráticas dos tempos áureos da Grécia e Roma, lugares destruídos pelo cristianismo. Para Nietzsche o homem precisa ser um aristocrata guerreiro. Mas precisamos “entender o aristocrático ou o nobre nietzschiano como uma postura de aceitação do vir-a-ser e não como uma classe, estamento ou grupo social.” (FREZZATTI, 2021. p. 89).

Conforme o pensador alemão o homem precisa ser um aristocrata, que se volte a educação e esta deve estar voltada as artes, “especialmente aquelas ligadas ao mundo artístico: bom gosto, tato refinado, regras da grande arte, educação corporal, a arte de bem ler [...]” (AZEVEDO, 2009. P. 185), pois para Nietzsche as vezes até mesmo “a filosofia, a arte e a ciência tem inventado um mundo [onde] despreza o homem” (FREZZATTI, 2021. P. 80) e assim tem se voltado contra o animal homem e o tornado doentio e fraco de maneira que o homem precise erigir pra si um Deus. Nessa perspectiva o homem precisa se distanciar de tudo que o amansa e o castra e o que o torna débil.

É preciso que o homem volte aos fundamentos do próprio ser humano e rompa definitivamente com a moral cristã e abandone essa roupagem de homem virtuoso para tornar se o aristocrata, culto e menos moralmente comprometido com o cristianismo. Pois para Nietzsche o cristianismo tira do ser humano os seus instintos e o faz pensar em algo absoluto e assim deixa de viver hoje para pensar em algo além e assim o castra e tira a vontade de viver.

Em nossa própria vivência diária muitas vezes nos encontramos e nos deparamos diante a muitos caminhos que a própria vida nos traz, estamos sempre rodeados ou em meio de muitas situações que se apresenta para escolhermos, decidirmos entre uma ou outra situação, entre seguir este ou aquele caminho, entre o que é certo ou o que é errado? E a pergunta que nos toma é: Somos de fato livres? Quando somos livres? Mas, o que é a liberdade? Libertar-se

do que? Qual é a diferença entre liberdade e libertação? Pois a liberdade é um conceito fundamental em Humano demasiado humano cuja figura principal é a do espírito livre. Do outro lado tem vários aforismos nos quais Nietzsche sustenta uma visão mergulhada na necessidade na qual a liberdade parece uma ilusão.

Nietzsche em humano demasiado humano traz de forma mais ampla os aforismos e aborda temas relevantes tais como: limites da metafísica, moralidade, religiosidade e outro, ou seja, de homens de espírito livres e, suas eventuais decorrências. Nietzsche é um pensador que possui uma maneira original de filosofar e pretende com sua filosofia, ou a sua forma de filosofar desestabilizar os valores presentes e vigentes na sociedade do seu tempo, os quais, segundo a sua perspectiva filosófica encontram-se em um contexto crucial, pois o homem na verdade não se emancipou pela civilização, mas sim foi adestrado e castrado em seus instintos e diante disto o filósofo crê que o homem precisa ser livre até mesmo das preposições filosóficas e decidir-se por si mesmo.

3. Emancipação, Vontade e Liberdade

333

Nietzsche propôs que o homem deixasse os ensinamentos do cristianismo, uma vez que o mesmo não busca a emancipação do homem, mas a sua sujeição, ou seja, a castração de sua vontade de criação com suas leis e preceitos, tais como: pecado, vida futura e etc., pois essa moralidade cristã somente castra o homem em seus instintos primitivos e reduz a sua vontade de viver, ou seja, de criar.

[Pois para Nietzsche] O gênio ou o grande homem é aquele capaz de criar uma cultura elevada: como potencializar os impulsos do homem para que neste surja o gênio passa a ser uma questão axial da última filosofia de Nietzsche. Se, em O nascimento da tragédia, o mito, isto é, o atribuir sentido àquilo que não o tem (ao vir-a-ser) [...] (FREZZATTI, 2004. p. 118)

Pois conforme Nietzsche é a vontade de liberdade quem faz do homem um criador e um ser emancipado. Uma vez que a liberdade segundo Nietzsche é a principal força que impulsiona o homem e o direciona ao crescimento e a lutar pela sua realização e ambição e assim levando o a superação dos limites impostos

pelas dificuldades fazendo com que esse homem supere a tudo para tornar-se livre. Assim o filósofo alemão propõe uma investigação que se confunde com sua própria concepção de filosofia, direcionada a elevação da cultura.

Um grau certamente elevado de educação é atingido, quando o homem vai além de conceitos e temores supersticiosos e religiosos, deixando de acreditar em amáveis anjinhos e no pecado original, por exemplo, ou não mais se referindo à salvação das almas: neste grau de libertação ele deve ainda, com um supremo esforço de reflexão, superar a metafísica. (NIETZSCHE. 2000.p. 19).

A filosofia continua tão igual como a dois mil anos atras, por isso não há lugar para a oposição, nem discussão entre o racional do irracional, o sensível do morto, o lógico do ilógico, a contemplação desinteressada do desejo cobiçoso, a vida para o próximo do egoísmo, a verdade dos erros. A filosofia Metafísica superou essa dificuldade negando a gênese de um partindo do outro e supondo alto de miraculoso, e a filosofia histórica chegou à conclusão que a rigor não existe ação altruísta nem contemplação totalmente desinteressada.

334

Mas a verdade é que tudo que temos e tudo o que necessitamos segundo o atual nível de cada ciência é uma química das representações e sentimentos morais, religiosos e estéticos, assim como de todas as emoções que experimentamos nas grandes e pequenas relações da cultura e da sociedade, e mesmo na solidão: e se essa química levasse à conclusão de que também nesse domínio as cores mais magníficas são obtidas de matérias vis e mesmo desprezadas. “Mas não apenas isso: ele [Nietzsche] afirma que essas “pequenas coisas” desprezadas em sua importância, são fundamentais para o homem. E mais: justamente devido a esse desprezo é que se deveria propor um re-aprendizado[...].” (FREZZATTI. 2004. p. 124-125).

Os filósofos, para Nietzsche, têm um defeito em comum, imaginam o homem como uma verdade eterna, mas isso não passa do testemunho de um homem de um espaço bem limitado, e assim não querem aprender que o homem veio a ser, e que mesmo a faculdade de cognição veio a ser; enquanto alguns deles querem inclusive que o mundo inteiro seja tecido e derivado dessa faculdade de cognição.

Tratam o homem como um ser eterno e acreditam que nele convergem naturalmente todas as coisas, e não conseguem entender que tudo veio a ser e que não existem fatos eternos e também não existem verdades absolutas. Pois a marca de uma cultura superior é estimar as pequenas verdades ainda que desprezíveis. Nietzsche acredita que logo toda humanidade logo se habituará a buscar conhecimentos mais sólidos e duráveis e deixará para trás todas crenças em inspirações e na comunicação milagrosa. Pois os objetos da sensibilidade religiosa, a moral e a estética pertencem somente a superfície das coisas.

Da forma com que a astrologia crê que os astros giram em torno do destino do homem a Metafísica acredita em sonhos, aliás acreditar em sonhos é a origem da Metafísica. Por isso na filosofia o ápice deve ser a utilidade de tal conhecimento, pois a importância do conhecimento para a vida deve parecer a maior possível. Assim como a ciência assim deve ser a filosofia. Pois a metafísica dá uma visão romântica da vida, ou seja, faz uma má interpretação da mesma.

Tudo o que a metafísica criou, foi erro e autoilusão e escolheu os piores métodos cognitivos para que cressem nela, infelizmente não serve para nada, ainda que na metafísica houve algum conhecimento esse seria algo muito insignificante. Pois na metafísica o problema é puramente teórico da "coisa em si" e do "fenômeno". E sabemos que nenhuma intuição pode nos levar adiante então deixemos para a fisiologia e a história da evolução dos organismos e dos conceitos a questão. (FREZZATTI. 2021)

A linguagem teve uma imensa importância na cultura, e com a linguagem o homem se ergueu acima dos outros animais e pensou que ter na linguagem o conhecimento do mundo e com isso imaginou que não apenas dava denominações a coisas, mas o supremo conhecimento do mundo, apesar de que de fato a linguagem é a primeira etapa no esforço da ciência surgiu como algo que deixa clara que não existe que na natureza não existe linha exatamente reta, nem círculo verdadeiro, nem medida absoluta de grandeza, ou seja, *aeternae veritates* [verdades eternas].

É no sono e no sonho que repetimos a mesma tarefa da humanidade primitiva, ou seja, passamos a crer em coisas como a mitologia, pois somos conduzidos a uma função cerebral prejudicada, ainda que a função cerebral não

cesse de toda a mesma tende a se reduzir a um estado de imperfeição que confunde e traz até esquecimento. No sonho, estamos em constante excitação, até a função cerebral que até provocações sensações, pois o sonho nos reconduz a estados longínquos da cultura humana e fornece um meio de compreendê-los melhor. O sonho é a busca e representação das causas dessas sensações provocadas, isto é, das supostas causas imaginárias. E também Nietzsche crê que “Nas épocas de cultura tosca e primordial o homem acreditava conhecer no sonho um segundo mundo real; eis a origem de toda metafísica.” NIETZSCHE. 2000.p. 12).

Todos de espírito forte trazem consigo uma ressonância simpática e estado de espíritos afins nesse sentido fala se de sentimento moral ou religioso como algo simples e não algo complexo. Pois “adquire ressonância por causa do vazio; pois a maior parte do que os jovens pensam não brota da plenitude de sua natureza, mas ressoa e ecoa o que foi pensado, falado, elogiado e censurado ao seu redor.” (NIETZSCHE, 2008, p. 173).

Assim como não existe em cima ou embaixo também não existe interior e exterior para a essência e a aparência do mundo, pois em Demócrito os conceitos em cima e embaixo se tornou espaço infinito, assim também como querem de que com sentimentos profundos chegamos ao profundo do interior, mas a saber tomamos o exemplo metafísico, se retirarmos do sentimento profundo os elementos intelectuais só restam o sentimento forte e este não é capaz de garantir nenhum, conhecimento, nada além de si mesmo.

Os filósofos costumam ver o mundo e seus fenômenos como alguém que se vê diante de uma pintura que sempre será a mesma coisa sem variação e assim eles acreditam que o mundo deva ser interpretado como tal, ou seja, rejeitam a ideia do vir a ser. E devido a isso que temos olhado o mundo com exigências morais, estéticas, religiosas, com cega inclinação, paixão ou medo, e termos nos regalado nos maus hábitos do pensamento ilógico, que este mundo gradualmente se tornou assim estranhamente variegado, terrível, profundo de significado, cheio de alma.

E de maneira terrivelmente misteriosa, exorta à renúncia de nosso intelecto, de nossa vontade pessoal: de modo a alcançar o essencial tornando-se essencial. Outros, ainda, recolheram todos os traços característicos de nosso mundo do fenômeno. E dessa forma o que agora chamamos de mundo é o resultado de muitos erros e fantasias que surgiram gradualmente na evolução total dos seres orgânicos e cresceram entremeados, e que agora herdamos como o tesouro acumulado do passado. Uma vez que “o cristianismo travou uma guerra de morte contra todos os sentimentos de reverência e distância entre os homens, ou seja, contra o primeiro pré-requisito de toda evolução, de todo desenvolvimento da civilização” (NIETZSCHE, 2008, p. 89).

Após essa reflexão reconheçamos que então que a coisa em si é digna de uma gargalhada homérica: que ela parecia ser tanto, até mesmo tudo, e na realidade está vazia, vazia de significado. Os jovens aceitam as explicações metafísicas porque elas não exigem responsabilidade dele e também parece mais interessante ou significativo as explicações, mas quando desconfia da metafísica acaba por descobrir outros meios, ou seja, modos mais científicos para a explicação dos enigmas do mundo.

337

4. Considerações Finais

Nietzsche é a vontade de liberdade quem faz do homem um criador e um ser emancipado. Uma vez que a liberdade segundo Nietzsche é a principal força que impulsiona o homem e o direciona ao crescimento e a lutar pela sua realização e ambição e assim levando o a superação dos limites impostos pelas dificuldades fazendo com que esse homem supere a tudo para tornar-se livre. Assim o filósofo alemão propõe uma investigação que se confunde com sua própria concepção de filosofia, direcionada a elevação da cultura.

Assim como não existe em cima ou embaixo também não existe interior e exterior para a essência e a aparência do mundo, pois em Demócrito os conceitos em cima e embaixo se tornou espaço infinito, assim também como querem de que com sentimentos profundos chegamos ao profundo do interior, mas a saber tomamos o exemplo metafísico, se retirarmos do sentimento profundo os

elementos intelectuais só restam o sentimento forte e este não é capaz de garantir nenhum, conhecimento, nada além de si mesmo.

É preciso que o homem volte aos fundamentos do próprio ser humano e rompa definitivamente com a moral cristã e abandone essa roupagem de homem virtuoso para tornar-se o aristocrata, volte aos fundamentos do próprio ser humano, a vontade de viver, vontade ligada ao mundo artístico: bom gosto, tato refinado, regras da grande arte, educação corporal, a arte de bem ler, para alcançar o essencial tornando-se essencial, ou seja, ser livre, liberto ter de fato a liberdade de criar e viver.

Referências

AZEVEDO, J. A. *Civilização e cultura em Nietzsche: domesticação e elevação*. Akropolis Umuarama, v. 17, n. 4, p. 179-186, out./dez. 2009.

FREZZATTI, W. *A superação da dualidade cultura/biologia na filosofia de Nietzsche*. Tempo da Ciência (11) 22: 115-135, 2º semestre 2004.

FREZZATTI, W. *A fisiologia de Nietzsche: superação da dualidade cultura/biologia*. Ijuí: Unijuí, 2006. 310 p.

FREZZATTI, W. *Nietzsche e a psicologia francesa do século XIX*. Humanitas. São Paulo, 2019. 228 p.

FREZZATTI, W. *A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*. 2º ed. Curitiba. CRV, 2021. 236 P. (Coleção Nietzsche em Perspectiva V. 6).

NIETZSCHE, F. *Civilização e cultura: um antagonismo* (16 [73] da primavera/verão de 1888).

NIETZSCHE, F. (1882), *A gaia ciência*, trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Original: Die fröhliche Wissenschaft . Livro V, § 352.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. Um livro para espíritos livres. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2000 (Vol. I) e 2008 (Vol. II)

Submissão: 18. 11. 2024

/

Aceite: 13. 02. 2025